

As diferentes formas históricas de instrumentais mediadores do trabalho didático: da linguagem oral ao instrumental virtual

Jander Fernandes Martins¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo tecer algumas considerações sobre um aspecto que, para o autor, é central na relação educativa (relação esta, entendida em todas as suas modalidades), a saber, o "material didático". Este entendido, como instrumental mediador na relação educativa estabelecida entre professor-aluno. Deste modo, em um primeiro momento, apresentar-se-á, a partir da categoria analítica *Organização do Trabalho Didático* (ALVES, 2005; 2012), a importância destes materiais enquanto instrumentais mediadores na relação educativa existente na modalidade de ensino EAD. Posteriormente, feito as devidas considerações sobre a importância desse instrumental mediando à relação educador-educando e de esboçar uma sucinta retomada histórica das diferentes formas históricas deste instrumental, tentar-se-á explicitar as diferentes categorias de materiais didáticos utilizados em Ead a partir da seleção, leitura, análise e identificação em matérias bibliográficos especializados da área sobre as principais características que estes materiais necessitam incorporar em seu processo de elaboração e distribuição. Concluiu-se que, com a EAD o Material Didático seja na forma impressa ou na eletrônica, ascendeu a um patamar de centralidade e importância sem precedentes, ao compararmos com os outros tipos de instrumentais didáticos mediadores nas diferentes formas históricas de trabalho didático realizado pelo homem. Pois, devido ao alto grau de complexidade incorporado no processo de elaboração e produção destes materiais se percebe o nível de desenvolvimento e a diferença qualitativa que se pode atingir com o uso destas novas ferramentas tecnológicas a serviço da educação atual, o que por sua vez compactua com o ideário do professor, enquanto mero apêndice do processo educativo.

Palavras-chaves: Educação a Distância; História da Educação; Materiais Didáticos; Organização do Trabalho Didático; Professor.

ABSTRACT

This article aims to present some considerations on an aspect that, for the author, is central to the educational relationship (this relationship, understood in all its forms), namely the "courseware". This is understood as instrumental in mediating educational relationship established between teacher and student. Thus, at first, will present, from the analytical category Didactic Labour Organization (ALVES, 2005, 2012), the importance of these materials as mediators instrumental in the educational relationship exists in the mode of teaching EAD. Subsequently made due consideration to the importance of this instrumental mediating the relationship teacher-student and sketch a brief historical resume of the different historical forms of this instrument, it will try to explain the different categories of teaching materials used in Ead from selection, reading, analysis and identification of raw bibliographic specialized area of the main features that need to incorporate these materials in their process of preparation and distribution. It was concluded that, with the DL Courseware is in print or electronic, reached a level of unprecedented importance and centrality when compared with other types of instrumental teaching mediators in different historical forms of didactic work done by man. Because, due to the high degree of complexity embedded in the drafting and production of these materials is perceived the level of development and qualitative difference that can be achieved with the use of these new technological tools in the service of current education, which in turn condone the ideal teacher as a mere appendage of the educational process.

Keywords: Distance Education, History of Education, Instructional Materials, Work Organization Teaching, Teacher.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo tecer algumas considerações sobre um aspecto que, para o autor, é central na relação educativa (relação esta, entendida em todas as suas

modalidades), a saber, o "material didático". Este entendido, como *instrumental mediador* na relação educativa estabelecida entre professor-aluno.

Para tal, toma-se como objeto de estudo e reflexão este aspecto específico da relação educativa por se considerar, além de pertinente, um assunto o qual carece de maiores discussões pedagógicas. Deste modo, em um primeiro momento, apresentar-se-á, a partir da categoria analítica *Organização do Trabalho Didático* (ALVES, 2005; 2012), a importância destes materiais enquanto instrumentais mediadores na relação educativa existente na modalidade de ensino EAD. Em um segundo momento, feitas as devidas considerações sobre a importância desse instrumental *mediando* à relação professor-aluno, tentar-se-á explicitar, sucintamente, uma retomada histórica dos diferentes materiais didáticos utilizados na mediação do ensino em cada época histórica, com seu respectivo tipo histórico de educador, iniciando com os "ágrafos-bardos" nas comunidades primitivas até os dias atuais em que impera o "professor virtual de Ead". Posteriormente, partindo desta retomada histórica, focar-se-á na análise dos diferentes tipos de categorias de materiais didáticos utilizados em Ead a partir da seleção, leitura, análise e identificação em matérias bibliográficas especializadas da área, sobre as principais características que este objeto de estudo necessitam incorporar em seu processo de elaboração e distribuição para então, realizar sua função de instrumental mediador na relação de ensino-aprendizagem.

Por fim, acredita-se que tal estudo e reflexão justifica-se por si, visto que, partindo da concepção de "ciência da história" e como tal, embasando-se na *OTD*, creditando-se na premissa que o processo educativo está centralizado no instrumental didático desde o surgimento da escola moderna com Comenius, como propõe Alves em "*A centralidade do instrumento de trabalho na relação educativa: a escola moderna brasileira nos séculos XIX e XX*" (2011), intenta-se reforçar, a partir deste estudo o que o autor, supracitado, propõe a partir de seus estudos e pesquisas.

OS MATERIAIS DIDÁTICOS ENQUANTO INSTRUMENTAL MEDIADOR NA RELAÇÃO EDUCATIVA

Primeiramente, considera-se importante tecer algumas considerações sobre "o material didático" e sua necessidade na relação educativa. Tais tessituras, embasam-se a partir da categoria analítica *Organização do Trabalho Didático* (ALVES, 2005; 2012)², a importância destes materiais enquanto instrumentais mediadores na relação educativa, em específico, na modalidade de Ensino à Distância (Ead).

Neste sentido, tomando como foco, o segundo elemento constitutivo, "*mediação de recursos didáticos*" no processo de produção de conhecimento do aluno, isto é, processo aprendizagem. Tem-se que, desde o surgimento das primeiras formas históricas de relação educativa, houve a elaboração de determinados instrumentos tecnológicos com o objetivo de mediar a aprendizagem do "sujeito aprendente"³. Para isso, considera-se pertinente fazer uma rápida recapitulação sobre as formas históricas deste instrumental mediador no processo educativo, à luz da *OTD*. Neste sentido, exemplificando, se "na Antiguidade e na Idade Média o

educador era o preceptor; na Idade Moderna surgiu o professor, dominante até nossos dias [...] nas duas épocas referidas, os estudantes assumiram formas, respectivamente, de discípulos e de alunos organizados em classe". (ALVES, 2005, p. 11, grifos nossos)

Logo, nestas duas formas históricas distintas de trabalho didático, o instrumental didático concretamente fora produzido de acordo com o grau tecnológico das sociedades em seu tempo. Tomando o trecho acima como exemplificação, ver-se-á que, na relação educativa existente entre o "preceptor e o discípulo" na Antiguidade (Egito, Mesopotâmia e Grécia) o "instrumental mediador", isto é, o material didático utilizado como mediação no processo de aprendizagem das crianças e dos jovens, era o papiro, tabletes de argila com o auxílio de um poderoso recurso, a escrita (MARTINS & HALBERSTADT, 2011). Já na "época medieval", embora mantendo-se a mesma relação educativa, o material didático modifica-se, de tabletes de argila e papiro, passa-se a fazer uso dos "livros clássicos, compêndios" (ALVES, 2005) conforme fora havendo o desenvolvimento e aperfeiçoamento no uso da escrita alfabética, bem como, da produção de material escrito, o compendio e obras literárias. (CAMBI, 1999).

Portanto, se percebe que, desde o surgimento das primeiras formas históricas de educação, a qual se estima ter surgido com o "ágrafo bardo" nas comunidades primitivas (MARTINS & HALBERSTADT, 2011; 2012), houve a necessidade de se produzir um instrumental didático, pautado nos recursos tecnológicos disponíveis ao seu tempo, isto é, "cada época com sua tecnologia" ⁴. Não obstante os primórdios da humanidade, hoje nossa realidade educativa encontra-se em um momento de transição. No qual, percebe-se a extinção de uma determinada forma histórica de trabalho didático, pautado na organização manufatureira do séc. XVII (ALVES, 2005) e o surgimento de uma nova forma histórica, a Ead. Assim sendo, após percorrer, sucinta e genericamente, as formas históricas de OTD, focando-se sobre o segundo elemento constitutivo desta categoria analítica, o material didático. Surgiu a ideia de explorar com maior ênfase as características, funções e tipos de materiais didáticos incorporados nesta (possível) nova forma histórica de trabalho didático o qual será mais bem desenvolvido no item seguinte.

LINGUAGEM ORAL COMO INSTRUMENTAL DIDÁTICO.

Assim, se nos primórdios primitivos, quando do surgimento das primeiras comunidades tribais, surgiu uma forma histórica de educado adequado aos condicionantes de seu tempo, o ágrafo-bardo (MARTINS; HALBERSTADT, 2011; 2012). Isto é, em tal época, na qual produziu-se esta forma histórica de trabalho didático, este tipo específico de educador consistia em ser, exclusivamente, integrados por determinados indivíduos pertencentes a um grupo específico, grupo este caracterizado como sendo "sacerdotal", sagrado, místico e conseqüentemente, eram considerados os representantes/porta-vozes das divindades cultuadas no interior da sua tribo/comunidade primitiva. (ARANHA, 2006; CAMBI, 1999; GILES, 1987; GUSDORF, 1963; HAVELOCK, s/d; LARROYO, 1974; LUZURIAGA, 1990; MONROE, 1976; PONCE, 2007)

Esta relação educativa entre ágrafos-bardos e crianças e jovens tinham como

peculiaridades o fato de serem elaboradas através de “jogos, canções, recitações, apresentações públicas e/ou privadas” (ARANHA, 2006; CAMBI, 1999, GILES, 1987; GIORDANI, 1972; HAVELOCK, s/d; 1996; LARROYO, 1974, LUZURIAGA, 1990; MONROE, 1976; PONCE, 2007). Portanto, o instrumental didático mediador desta relação fora um instrumento desenvolvido, especificamente, pelo homem, a “linguagem”.

OS TABLETES DE ARGILA, O PAPIRO E A ESCRITA COMO INSTRUMENTAIS DIDÁTICOS DOS ESCRIBAS.

O escriba surge como uma forma acabada de “educador”, pois, quanto as suas “funções”, este grupo apresentava-se estruturado no que se refere a sua **formação e preparação**, tanto no que se refere às de ordem prática e técnica, como as de ordem intelectual literária. Ou seja, constata-se que tais subdivisões atendem aos dois grandes polos de instrução mesopotâmica: para a vida prática (de caráter técnico, para o trabalho) e/ou para vida literária (de caráter intelectual destinado às tarefas público-administrativo). Logo, conforme iam ocorrendo um progresso material destas sociedades tornou-se imperativo preparar determinados indivíduos e instruí-los para exercer a função de gerir e administrar os aspectos econômicos das principais cidades-estados (BRUNNER, s/d; GILES, 1987; GIORDANI, 1972; GINGRAS, KEATING, LIMOGES, 2007; LARROYO, 1974; LUCAS, s/d; MANACORDA, 2006).

Assim, surge outra forma histórica de educador e de educando bem como, um novo instrumental didático mediador, o papiro, tabletes de argila e a técnica que perpassou todas as épocas vindouras até os dias de hoje, a **linguagem escrita** e se realizavam em um local específico o **zigurat**. Portanto, surge com os escribas mesopotâmicos e egípcios a primeira forma histórica de organização do trabalho didático realizado pelo homem, organizado socialmente em e de acordo com os condicionantes e imperativos nos quais se encontravam inseridos, tendo como recurso tecnológico a “**escrita e os tabletes de argila**” como instrumental didático necessário para a instrução. (BRUNNER, s/d; DEBRAY, 1983; GINGRAS, KEATING & LIMOGES, 2007; LUCAS, s/d)

ESCRITA ALFABÉTICA COMO INSTRUMENTAL DIDÁTICO.

Concomitantemente, antes ou depois da produção concreta do tipo histórico de educador mesopotâmico e egípcio, surgem os “sofistas e os filósofos” e com eles, ocorre a “Revolução Pedagógica”. (CAMBI, 1999; FERNANDES, 2010; GINGRAS, KEATING & LIMOGES, 2007; HAVELOCK, 1996; JAEGER, 2001; LARROYO, 1974; LUZURIAGA, 1990; MANACORDA, 2007; MARROU, 1975; PONCE, 2007; SAVIANI, 2010)

É nesta paisagem que surgem os primeiros grandes detentores do saber, com um ingrediente novo, comparado com os seus dois ancestrais, supracitados. Que elementos são esses? São as ciências pitagóricas, a medicina hipocrática, a política e a pólis platônica, o método aristotélico e o socrático, etc. o primeiro grupo estabelecido, em acordo com o referencial teórico subsidiador da pesquisa, apresenta os “sofistas” como os primeiros sujeitos

a voltarem-se para o processo educativo dando-lhe um *caráter profissional* (Marrou, 1975, p. 84-88) e com eles a dialética, a retórica, a eloquência, e todas as conseqüências decorrentes destas primeiras bases intelectuais produzidas, em uma palavra, a *Paidéia*. Não obstante, Jaeger (2001, p. 335) reforça esse entendimento sobre a importância dos sofistas para a *formação ideal de homem*: “[...] foi com os sofistas que essa palavra [...] haveria de ampliar cada vez mais a sua importância e a amplitude do seu significado”.

Ainda em Jaeger (IDEM, p. 347), “os sofistas são, com efeito, as individualidades mais representativas de uma época” e a “sua existência fundamentava-se exclusivamente no seu significado intelectual”. O que levou a Marrou (2010, p. 13) creditar reverência aos sofistas nestes termos: “[...] saudamos esses grandes antepassados, os primeiros professores do ensino superior, quando a Grécia conhecia apenas treinadores esportistas [...] e, no plano escolar, humildes mestres-escolas”. No entanto, embora dotados de grande influência intelectual, estes conseguiram desenvolver seu trabalho didático de tal forma, graças ao acúmulo e convergência de alguns elementos indispensáveis tais como: *uso do papiro, de tabletes de argila, a escrita alfabética e de “manuscritos”*. Entretanto, mesmo com a produção desses instrumentais didáticos, essencialmente, a relação educativa mantinha-se “oral”. Muito embora, acreditamos que se deva a unificação destes instrumentais didáticos e mecanismos de ensino o que permitiu a este tipo histórico de educador, elevar o “fazer da educação” ao “plano da ideia consciente” de ensino. (CAMBI, 1999; FERNANDES, 2010; GINGRAS, KEATING & LIMOGES, 2007; HAVELOCK, 1996; JAEGER, 2001; LARROYO, 1974; LUZURIAGA, 1990; MANACORDA, 2007; MARROU, 1975; PONCE, 2007; SAVIANI, 2010)

Além daqueles, surgem os primeiros “filósofos” e como decorrência, seus mais significativos representantes, a saber, Sócrates, Platão e Aristóteles. Este tipo histórico de educador imprimiu na concepção de mundo, muitas das descobertas no campo da matemática, da astronomia, da física, da gramática, da medicina (todas as áreas do conhecimento produzidas neste período em que estas três personalidades participaram ativamente) que ainda hoje são valorizadas e creditadas, e mesmo aqueles conhecimentos que hoje a ciência moderna refuta, durante séculos foram a base do pensamento pedagógico e científico Ocidental. (CAMBI, 1999; FERNANDES, 2010; GINGRAS, KEATING & LIMOGES, 2007; HAVELOCK, 1996; JAEGER, 2001; LARROYO, 1974; LUZURIAGA, 1990; MANACORDA, 2007; MARROU, 1975; PONCE, 2007; SAVIANI, 2010)

MANUSCRITOS E COMPÊNDIOS COMO INSTRUMENTAL DIDÁTICO.

Já no findar da Antiguidade grega e expansão da Antiguidade romana (império romano) até o início da época medieval, embora se mantendo a mesma relação educativa, o preceptorado, o material didático modifica-se, de tabletes de argila e papiro, passa-se a fazer uso dos “livros clássicos, compêndios” (ALVES, 2005) conforme fora havendo o desenvolvimento e aperfeiçoamento no uso da escrita alfabética, bem como, da produção de material escrito, o compendio e obras literárias. (CAMBI, 1999).

Deste modo, aqui, falar-se-á, do “monge retor” (conf. Imagem 7 em anexo), isto é, dos “retores latinos” (MARROU, 1975, p. 375) e não do “retórico” da antiguidade grega. Estes, desde o séc. I (D.C.) dominaram o “ensino superior romano”, fato que, conseqüentemente ou paralelamente ou ainda, anteriormente, teve como produto, uma educação grega em um ambiente romano (IDEM, *ibidem*). E como isto se deu? Para Marrou (IDEM, p. 387, grifos meus)

[...] apresenta-se sob dupla forma; ao mesmo tempo que a aristocracia romana educa seus filhos à grega, faz deles gregos cultos, ela duplica esta educação estrangeira com um ciclo paralelo de estudos, exatamente calcado no das escolas gregas, **embora transposto em língua latina**.

Estes, evidentemente, enquanto forma histórica de educador responsável por realizar o trabalho didático em nível de ensino superior. Quanto a este “nível de ensino”, surgido no séc. I d. C., é definido por Marrou (IDEM, p. 437) nos seguintes termos: “trata-se, pois, em primeiro lugar, do ensino da arte oratória. Também é confiado a um mestre especializado, chamado em latim *rhetor*, às vezes *orator* [...]”. Deste modo, “[...] o retórico”, pois, “na hierarquia dos valores profissionais e sociais, o retor ocupa um posto visivelmente mais elevado que seus colegas” (Marrou, 1975, p. 436).

Tal fenômeno, dentre tantos condicionantes materiais, credita-se ao fato de ter-se produzido “o compêndio”, como manual de instrução e formação dos retores, futuros advogados, como atesta Marrou (1975, pp. 436-446) e, recebem um grande destaque de Gingras, Keating & Limoges (2007, pp. 71-74) ao propor que, os “enciclopedistas romanos” teriam sido a base da formação intelectual, obviamente pelo fato de “produzirem este instrumental, o manual/compêndio, no qual o *retor* descrevia o conhecimento necessário aos seus discípulos memorizarem e dominarem *via oratória*”. Manacorda (2006, pp. 103-105) também vem de encontro com este entendimento (embora, obviamente, com uma abordagem metodológica e concepção diferente das de Marrou e Gingras, Keating & Limoges). Evidencia-se também, que com o movimento de expansão religiosa, a qual perdurará por quase toda a Idade Média, através da construção de igrejas, paróquias, mosteiros, etc. (e evidentemente, com seus personagens de maior expressão, Santo Agostinho e Tomas de Aquino, do qual falaremos no próximo subitem) anexados a estes estabelecimentos havia um espaço destinado à instrução, as “*escolas rabínicas, monásticas, episcopais, presbiterial, patriarcal, carolíngias, palacianas, abaciais*” (CAMBI, 1999, p. 155- 170; MARROU, 1975, pp. 479-533).

OS MANUAIS CLÁSSICOS NO DECORRER DA IDADE MÉDIA.

Como insinuado acima, durante o período medieval que, segundo, Andery *et al* (2007, p. 133) “[...] tem como referencia temporal, o período que vai do século V ao XV”. Durante este período, a Europa (tanto ocidental quanto a oriental), sofre inúmeras ebulições em sua estrutura política, econômica, social. Para tanto, antes de se falar nesta forma histórica de educador e a centralidade do seu instrumental mediador no processo do ensino preceptorado é preciso se levar em conta a “Igreja” a qual, embora essa ebulição na cultura europeia, este período histórico foi extremamente dinâmico, visto que, a diversidade cultural de civilizações

foi de grande expressão, dado que, enquanto algumas civilizações estruturavam-se em uma base escravagista, outras ao, contrário, davam sinais e incitavam um novo modo de organização político-econômica, o feudalismo. (ANDERY *et al*, 2007; CAMBI, 1999; GINGRAS, KEATING & LIMOGES, 2007; MANACORDA, 2000)

A primeira característica: "Em relação aos conhecimentos produzidos, o domínio se faz sentir na medida em que estes não poderiam, em hipótese alguma, **contradizer as ideias religiosas**, mesmo porque o **próprio clero** estava envolvido na **elaboração e veiculação dos conhecimentos da época**" (ANDERY *et al*, 2007, pp. 141, grifos meus). Ora, se a principal característica que condiciona a "produção" de conhecimento é o fato de ela não poder "contrariar" os preceitos religiosos, já que são produzidos no interior desta Instituição, obviamente, que são os "clérigos" os agentes responsáveis pela realização deste trabalho didático, aqui com um poderoso *instrumental didático*, a bíblia e os compêndios a partir dela (que falaremos adiante) em um *local específico*, as escolas medievais (*rabínicas, monásticas, episcopais, presbiterial, patriarcal, carolíngias, palacianas, abaciais*).

Assim sendo, com o "controle total" da Igreja sobre o no processo educacional na Europa medieval, tendo como objetivo principal a sua expansão (através da palavra de Deus), no campo educacional, embora haja diversidade de entendimento e inúmeros pontos de vistas para se compreender e captar os movimentos ocorridos neste período histórico, um fenômeno, ou melhor, um objeto (aqui entendido enquanto instrumental didático) foi determinante e central na condução tanto da elaboração, quanto da veiculação e da preservação destes conhecimentos, a saber, a Bíblia e como extensão desta, os compêndios/manuais clássicos elaborados por seus pensadores de maior expressão, sempre pautando-se e corroborando com àquele objeto central do pensamento científico medieval. (ANDERY *et al*, 2007; CAMBI, 1999; GINGRAS, KEATING & LIMOGES, 2007; MANACORDA, 2000; MARROU, 1975)

Portanto, mesmo havendo alguns personagens determinantes e de grande expressão no meio religioso (Santo Jerônimo, Santo Agostinho e Santo Ambrosio, por exemplo), o trabalho didático realizado nas escolas medievais (conforme se foi expandindo o poder da Igreja pela Europa Ocidental, principalmente), seus agentes obviamente eram membros do clero, logo, eram "sacerdotes clericais" os responsáveis por levar conhecimento a população, mas mais do que isso, levar "a palavra divina" a população pobre, ignorante e necessitada nestas civilizações que, embora diversificadas, eram em sua maioria, estruturadas econômica e politicamente, em bases feudalista.

OS LIVROS CLÁSSICOS A PARTIR DAS UNIVERSIDADES EUROPÉIAS.

Passado alguns séculos, a Igreja manteve-se predominantemente detentora do saber, em seu processo de elaboração, sistematização e veiculação. Logo, como se tentou evidenciar acima, esses conhecimentos deveriam ir de com os preceitos postulados pela Instituição, preceitos estes que estavam aonde? Estavam "(pres) escritos na Bíblia" talvez o mais poderoso "instrumental didático" já elaborado e utilizado como instrumento de ensino. Entretanto, mesmo com séculos de domínio no campo das ciências (na filosofia principalmente), a partir

do final da Alta Idade Média, se inicia uma ebulição de intelectualidades por toda a Europa. Tendo como principais centros a Itália e a França, locais estes, majoritariamente, formados pelas chamadas "guildas" (LANCILLOTTI, 2008; LE GOFF, 1989; MANACORDA, 2000;).

Este período, entre os séc. X-XIII caracterizou-se com a emergência de locais de *estudo laicos* (no interior de uma transformação mais ampla e organiza, o surgimento das cidades urbanas), para melhor compreender esse movimento, "[...] é fundamental a clivagem entre a escola monástica, reservada aos futuros monges, e a escola urbana, em princípio aberta a todos, inclusive a estudantes que continuarão laicos". (LE GOFF, 1989, p. 8). Do mesmo modo, entender que, embora em sua maioria eram "clérigos", foram e ficaram marcados na história da educação como "intelectuais", entendidos enquanto sujeitos em "[...] que fazem do pensar e do ensinar seu pensamento uma profissão." (IDEM, p. 17) isto porque, o seu surgimento "[...] pressupõe a divisão do trabalho urbano, da mesma forma que a origem das instituições universitárias pressupõe um espaço cultural comum, onde essas novas 'catedrais do saber' possam surgir [...]" (IDEM, IBIDEM).

Dentre esses condicionantes, o poder político e ideológico da Igreja ainda imperava, como tal, essa nova forma histórica de educador nada mais foi que o produto orgânico surgido em seu tempo. Em outros termos, produzidos no interior de tensões sociais, políticas e ideológicas mais amplas e concretas (Igreja *versus* Estado) as quais, por sua vez, permitiram haver as condições necessárias para que este grupo seletivo de estudiosos vislumbrassem condições efetivas de tornarem-se verdadeiros "intelectuais orgânicos", tal patamar só era galgado mediante a realização de seu ofício, em duplo caráter, uma de natureza laica e, a outra de natureza eclesiástica. Isto é:

Os intelectuais não escapavam ao esquema gramsciano [...] Em uma sociedade ideologicamente controlada muito de perto pela Igreja e politicamente cada vez mais enquadrada por uma dupla burocracia – a laica e eclesiástica [...] **os intelectuais da Idade Média são, antes de tudo, intelectuais 'orgânicos', fieis servidores da Igreja e do Estado.** (IDEM, IBIDEM, grifos meus)

Portanto, diferentemente do que ocorrera com todos os seus ancestrais, enquanto forma histórica de educador responsável concretamente pelo trabalho didático realizado em seu tempo, a saber, atender as exigências de ordem política, social, econômica, ideológica e científica, fruto das necessidades reais e concretas ditadas no período entre o séc. X-XIII.

Do mesmo modo, modifica-se o seu "*instrumental didático mediador*", surge então, o "livro clássico". Não por acaso, Le Goff (1989, p. 72) assim se expressa ao se referir a este instrumental "[...] é um objeto completamente diferente do livro da Alta Idade Média. Ele se liga a um contexto técnico, social e econômico completamente novo. É a expressão de uma outra civilização". E disto conclui "[...] O desenvolvimento do ofício intelectual criou a **era dos manuais**, isto é, do livro manuseável e manuseado [...] de instrumento, o livro se torna produto industrial e objeto comercial" (IDEM, p.74, negritos meus).

Este, como sugere Le Goff (1989), vem a ser um instrumental revolucionário na forma de conduzir o ensino nesta época, ainda que este instrumento tenha sido produzido e utilizado

com um conjunto de outros instrumentais que faziam parte dos “acessórios” indispensáveis ao intelectual. Isto é, embora o “livro universitário” estivesse no centro da relação educativa, ditando os conteúdos, métodos de ensino (embora seja a *escolástica o método predominante desta época*), etc. a serem transmitidos ao grupo de discípulos, este intelectual, enquanto “homem de profissão [...] está equipado, no século XIII, com um **instrumental completo**. Escritor, leitor, professor, **ele se cerca dos instrumentos exigidos por suas atividades**. (IDEM, p. 71, grifos meus), estes instrumentos, segundo o “dicionário de Joao de Garlande (*apud*, IDEM, IBIDEM) seriam os “[...] livros, escrivaninha, uma lamparina com sebo e um castiçal, uma lanterna e um funil com tinta, uma pluma, um fio de prumo e uma régua, uma mesa e uma palmatória, uma escrivaninha, um quadro-negro, uma pedra-pomes com raspador, e giz[...]”. Assim, o intelectual com essa nova função mais complexa e ampla, um novo método (a escolástica), alicerçado em um novo conjunto de instrumental mais sofisticado e manuseável, amplia e aprofunda o grau de estudos e produção de conhecimento. Produtos estes condicionados, ainda que em uma nova forma histórica de trabalho didático, em um aspecto que novamente, não pende nem para o mestre (intelectual) nem para o discípulo, mantém-se centralizado no instrumental, como atesta Le Goff (IDEM, IBIDEM): “se os exercícios orais continuam essenciais na vida universitária, **o livro se torna a base do ensino**”.

A EAD E OS SEUS INSTRUMENTAIS DIDÁTICOS VIRTUAIS.

Como sugere o título deste item, intenta-se aqui discorrer sobre os diferentes tipos de materiais didáticos utilizados em Ead, e suas respectivas características, atualmente. Para tanto, recorreu-se a seleção, leitura, análise e identificação em matérias bibliográficos especializados na área sobre as distintas formas de materiais didáticos e as principais características que estes objetos, foco de nosso estudo, necessitam incorporar durante e após o processo de elaboração e distribuição ser realizado.

Segundo, Possolli & Cury (2009, p. 3450), em EAD os materiais didáticos (MD) podem ser distinguidos em três tipos: “[...] *impressos* (como livros, apostilas e guias de estudo), *audiovisuais* (como transmissões radiofônicas e televisivas) e *digitais* (como os Ambientes Virtuais de Aprendizagem – AVA e recursos de informática e internet)”. Entretanto, há outros autores, tais como: Neder (2003 *apud* DANTAS *et al*, 2004, n. p.) classificam estes materiais didáticos apenas em: “*material impresso* e *material web*, sendo o primeiro utilizado com maior frequência para apoio às aulas presenciais, enquanto este último, podendo ser utilizado diretamente em ambiente virtual”. Cabe destacar ainda que, independentemente do tipo de classificação utilizada para identificar os MD⁵, são utilizados tanto nas modalidades de ensino presencial quanto na Ead, conforme destacam Dantas *et al* (2004); Lemos, D. G. (s/d); Piva Jr, Netto & Loyolla (2011); Possolli & Cury (2009), tendo como *maior diferencial*, entre os MD para ensino presencial e MD para Ead, está tanto na *forma como foi elaborado* quanto e principalmente, *os objetivos* que se propõe. (DANTAS *et al* 2004; PIVA JR, NETTO & LOYOLLA, 2011; POSSOLLI & CURY, 2009).

Dito isto, levando em consideração, a constituição histórica deste material didático enquanto, mediador na relação educativa professor-aluno no processo de aprendizagem. Cabe ainda investigar as características que cada uma dessas modalidades de MD apresentam:

a. *Materiais didáticos impressos:* nesta modalidade de instrumental mediador, podem ser incluído: livro-textos, guias de estudo, manuais de instrução, livros apostilas e livros didáticos. O processo de elaboração deste tipo de material é minucioso e complexo, envolvendo inúmeras etapas as quais envolvem desde: equipes multidisciplinares, treinamento de professores, avaliação do material antes de sua distribuição para um público específico. Estes tipos de materiais são considerados como uma "mídia assíncrona" (haja vista que, não necessitar de apoio durante sua implantação e nem depois do envio do material para os alunos) e como tal, em Ead, além de ser o material mais utilizado, tem como função repassar informações, auxilia no desenvolvimento de habilidades, etc. entre tanto, enquanto limites, considera-se o seu poder de "interatividade muito baixo" (se compararmos com outras mídias assíncronas e síncronas). Por se tratar de um material, no qual inúmeros profissionais são envolvidos, o "designer gráfico" tem um papel central no processo de elaboração. Visto que, sua contribuição no desenvolvimento se estende desde a "organização da informação até a adaptação da linguagem visual ao processo de ensino-aprendizagem, viabilizando com isso, uma maior interatividade por parte do aluno com o material. (DANTAS *et al* 2004; PIVA JR, NETTO & LOYOLLA, 2011; POSSOLLI & CURY, 2009).

b. *Materiais didáticos audiovisuais/digitais/web:* já nesta outra modalidade de instrumental, tem-se como material de maior envergadura, o AVA ou MOODLE o qual, conforme algumas pesquisas, (MORAN, 2008 *apud* POSSOLI & CURY, 2009), estes ambientes "ocupam o segundo lugar, com 63%. Este tipo de material, tanto quanto o impresso, requerem um grande contingente de profissionais envolvidos, equipe multidisciplinar esta que "[...] ser formada por designers instrucionais, designers gráficos, webdesigners, corretores (não só de português!), ilustradores e tantos outros que se façam necessários" (PIVA JR; NETTO & LOYOLLA, 2011, p. 6), incluindo-se, obviamente, pedagogos e professores de áreas específicas do conhecimento (história, geografia, ciências, matemática, etc.) responsáveis pela seleção dos conteúdos até o designers instrucionais (permite planejar, desenvolver e implementar projetos "[...] educacionais bem alinhados em seus objetivos, estratégias didáticas e tecnologias utilizadas [...]]" (COUTO, OLIVEIRA & SANTOS, 2008, p. 31). As etapas de elaboração podem ser variadas, no entanto, "comumente" seguem três níveis/etapas⁶. Assim, se percebe a complexidade e densidade do processo de elaboração e produção de materiais didáticos em EAD, em especial, os "digitais" já que, comparados com os MD impressos, àqueles, os digitais/multimídias, não carecem da falta de interatividade como os impressos. Entretanto, a grande diferença se dá no processo de elaboração, objetivos e público-alvo, sendo que na maioria das vezes, apresentam a mesma função, qual seja, mediar o processo de aprendizagem de forma autônoma, do estudante.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Chega-se ao fim deste texto o qual, teve por objetivo, tecer algumas considerações sobre “as formas históricas de materiais didáticos”, este entendido, como instrumental mediador no processo de aprendizagem no interior da relação educativa. Percebeu-se que, a complexidade e densidade do processo de elaboração e produção de materiais didáticos em EAD, em especial, os “digitais” já que, comparados com os MD impressos, eletrônicos/digitais/multimídias, possuem uma maior interatividade. Entretanto, a grande diferença se dá no processo de elaboração, objetivos e público-alvo, sendo que na maioria das vezes, apresentam a mesma função, qual seja, “*mediar o processo de aprendizagem de forma autônoma, do estudante, o que por sua vez, compactua com o ideário pedagógico construtivista no qual o professor é deslocado para mero apêndice no processo educativo. Visto que, supostamente, desloca-se a centralidade do trabalho didático do professor para o aluno, entretanto, o que se percebe superficialmente, é que a centralidade do trabalho educativo, nunca esteve naquele e nem neste último e sim no instrumental mediador*”. (ALVES, 2011, 2012; CARVALHO, 2001; DUARTE, 2000; KLEIN, 2000; SAVIANI, 1997; 2008)

Além disso, quanto ao formato de material didático em Ead (impresso ou digital), há pelo menos quatro quesitos imprescindíveis, quais sejam, “*ser interativo, dialógico, multimídia e estimular a autonomia do aprendiz*”. Assim, se percebe o nível de desenvolvimento e a diferença qualitativa que se pode atingir com o uso destas novas ferramentas tecnológicas a serviço da educação se comparadas com outros materiais didáticos de origem e natureza calcada na Pedagogia Tradicional. Mais do que isso, promover discussões e reflexões com o objetivo principal de se propor estratégias que venham de encontro com a solução das limitações e dificuldades que a educação brasileira apresenta concretamente em nossa atualidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, G. L. **O Trabalho Didático na Escola Moderna**: formas históricas. Campinas: Autores Associados. 2005.
- _____. A centralidade do instrumento de trabalho na relação educativa: a escola moderna brasileira nos séculos XIX e XX. In: Wenceslau Gonçalves Neto; Maria Elizabeth Blanck Miguel; Amarílio Ferreira Neto. (Org.). **Práticas escolares e processos educativos: currículo, disciplinas e instituições escolares (séculos XIX e XX)**. 1ª ed. Vitória, ES: EDUFES, 2011, v. 1, p. 279-305.
- _____. **Organização do Trabalho Didático**: a questão conceitual. Revista Acta Scientiarum. Education. Maringá, v. 34, n. 2, p. 169-178, jul-dez, 2012.
- CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.
- CARVALHO, José Sérgio Fonseca. **Construtivismo – uma pedagogia esquecida da escola**. Porto Alegre, Artmed, 2001.
- DUARTE, Newton. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: crítica às proposições neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas, Autores Associados, 2000.
- KLEIN, Lúcia Regina. Construtivismo piagetiano: considerações críticas à concepção de sujeito e objeto IN: Duarte, Newton (org.) **Sobre o construtivismo**. Campinas, Autores Associados, 2000.

MARTINS, Jander Fernandes & HALBERSTADT, Talita Elisabeth. **A Organização do Trabalho Didático como forma de superação do trabalho docente manufatureiro**. Revista P@rtes. Outubro de 2011. Disponível em:

http://www.partes.com.br/educacao/artigos/trabalhodidatico.asp#_edn4.

_____ **A Organização do Trabalho Didático: uma categoria a ser discutida**. Cadernos da Pedagogia. São Carlos, Ano 6 v. 6 n. 11, p. 3-10, jul-dez 2012 . ISSN: 1982-4440.

KENSKI, Vani M. **Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância**. 9ª Ed. – Campinas, SP: Papirus, 2012.

DANTAS, A. L. L. *et al.* **A construção do material didático em ead: uma experiência de aprender fazendo, através da ação, do conhecimento e da afetividade**. (2004).

Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/038-TC-B2.htm>. Acessado em: 24/11/12.

COUTO, Z. S.; OLIVEIRA, M. V. & SANTOS, R. de C. G. **Construindo outra cultura de Ead: a produção de material didático instrucional para o curso de pedagogia UAB/FURG** . Revista Didática Sistêmica, ISSN 1809-3108, Volume 8, julho a dezembro de 2008. Disponível em: <http://www.seer.furg.br/redsis/article/view/1184/497>. Acessado: 24/11/12.

PIVA JR, D.; NETTO, M. L. A. & LOYOLLA, W. P. D. de C. **Processo de Produção de Materiais Didáticos**: modelo adotado no Projeto Univesp. 17º Congresso Internacional de educação a distancia, 2011. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2011/cd/36.pdf>. Acessado: 24/11/12.

SILVA, J. R. A.; PEREIRA, D. C. M. & LIMA, R. de C. da C. **Educação a Distância: o pedagogo produzindo material didático**. Portal da educação. 2012. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/19604/educacao-a-distancia-o-pedagogo-produzindo-material-didatico/pagina-1>. Acessado: 24/11/12.

POSSOLLI, G. E & CURY, P. de Q. **Reflexões sobre a elaboração de materiais didáticos para educação a distância no Brasil**. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2558_1546.pdf. Acessado: 24/11/12. ISSN: 2176-1396.

SAVIANI, Demerval - A Função Docente e a Produção do Conhecimento. *Revista Filosofia e Educação*. v. 11 n. 21/22, p. 127-140, jan./dez., 1997. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/889/806>. Acessado em: 24 de Março de 2011.

_____ **História das Ideias Pedagógicas no Brasil** – 2. Ed. Ver. E ampl. – Campinas, SP: Autores Associados. 2008.

¹ Especializando em Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação – TIC EDU pela Fundação Universidade de Rio Grande/FURG-RS. Pedagogo formado na Universidade Federal de Santa Maria/UFSM. Professor de educação concursado no Município de Campo Bom-RS atuando como Coordenador Pedagógico na mesma rede municipal. E-mail: martinsjander@yahoo.com.br.

² Para Alves (2005, p. 10-11) a Organização do Trabalho Didático (OTD) envolve, sistematicamente, três aspectos: a) Ela é, sempre, uma **relação educativa** que coloca, frente a frente, uma **forma histórica de educador**, de um lado, e uma **forma histórica de educando(s)**, de outro; b) realiza-se com a **mediação** de recursos didáticos, envolvendo os procedimentos técnico-pedagógicos do educador, as tecnologias educacionais pertinentes e os conteúdos programados para servir ao processo de transmissão do conhecimento; c) e implica um **espaço físico** com características peculiares, onde ocorre. (*apud* Martins; Halberstadt, 2011, nota de rodapé 4, n. p.; 2012, n. p.)

³ Optou-se por utilizar aqui um termo familiar aos autores que pesquisam e buscam socializar esta nova

modalidade de ensino, (EAD) bem como o uso de novas tecnologias, as TIC's, para designar o sujeito que na Pedagogia tradicional é denominado de "aluno".

4 Nesta ótica, Kenski também corrobora com este posicionamento, para mais, conferir sua obra intitulada **Tecnologias e Ensino Presencial e a distância**. Ed. Papirus, 9ª ed., 2012, pp. 19-21.

⁵ Acredita-se que compreensão historiográfica e didática de "instrumental didático mediador" proposto por Alves (2005), coaduna com os conceitos de Materiais Didáticos preconizados por Meksenas (2011, p. 52 *apud* Possolli & Cury, 2009, p. 3450) "[...] que define um material didático como um ambiente ou obra, escrita ou organizada 'com a finalidade específica de ser utilizada numa situação didática'. Neste mesmo viés, Goldberg (1983 *apud* Idem, *ibidem*) "o material didático deve ser entendido de modo amplo e contextualizado como um 'modelo de atuação pedagógica', inserido social e politicamente". Assim, constata-se que o material didático se trata de uma expressão concreta do contexto histórico e social no qual a relação educativa se dá.

⁶ Os níveis comumente seguem a seguintes descrição: a) no 1º nível busca-se estabelecer um planejamento no qual está incluída "concepção do curso, definição de conteúdos, sequenciação, base metodológica, objetivos, justificativa, para que tipo de clientela está destinada, etc. (SILVA; PEREIRA & LIMA, s/d, p. 4); b) o 2º nível, é focado o "tratamento pedagógico do material, formas de comunicação, estratégia narrativa aplicadas nos textos, linguagem audiovisual, ferramentas auxiliares" (IDEM. *IBIDEM*); c) o 3º nível, debruça-se sobre a avaliação do aluno; d) por fim, a validação do material desde a etapa 1, só que, didaticamente, avaliando-o separados. (IDEM, *IBIDEM*). Tais etapas podem ser esquematizadas da seguinte forma, como propõe o "modelo adotado na UNIVESP": *seleção dos autores para os conteúdos* → *coordenador de conteúdo* → *designer instrucional* → *corretor ortográfico* → *web designer* → *designer gráfico* → *ilustrador* → *elaboração dos materiais de videoaula*. Não muito distante destes passos, é o realizado para produção de materiais no AVA.

⁷ Conforme, orientação de CEFET-RS: O material didático para EAD deve possuir algumas características: ser **dialógico** mantendo uma contextualização do conteúdo; estimular a ação dos sujeitos e a construção de seus próprios significados; valorizar o conhecimento prévio dos alunos; incentivar a exploração; autoestudo; buscar a **autonomia** do sujeito; assegurar espaços de **interação** entre os participantes do curso por meio de ferramentas **multimídia**. (2006, p. 4 *apud* POSSOLI & CURY, 2009, p. 3453grifos dos autores)

